

AVENIDA JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER

Decreto nº 6580 de 07-08-1981, Artigo 1º, Inciso XV
Formada pela avenida 2 do Jardim Independência - 2a.

e 3a. parte

Início na rua José Amatte

Término na rua José Amatte

Jardim Independência

Distrito de Barão Geraldo

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal, em
Exercício, José Roberto Magalhães Teixeira. Protocolado nº 5.801, de
20-02-1981.

JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER

Ver Rua Tiradentes



DECRETO N.o. 6580 de 07 de agosto de 1981

DÁ DENOMINAÇÃO A VIAS PÚBLICAS DO DISTRITO DE BARÃO GERALDO.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual N.o. 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1o. - As vias públicas do Jardim Independência e Jardim América, Distrito de Barão Geraldo, passam a denominar-se de conformidade com este decreto, a saber:

I - RUA MARECHAL FLORIANO PEIXOTO a Rua 1 do Jardim Independência - 1a. e 2a. parte, com início na Rua Angela Signori Grigol e término na divisa do loteamento;

II - RUA MARECHAL HERMES DA FONSECA a Rua 3 do Jardim Independência - 1a. parte, com início na Rua 23 e término na Rua Angela Signori Grigol;

III - RUA MARECHAL CASTELO BRANCO as Ruas 7 e 23 do Jardim Independência - 1a. parte, com início na Rua Angela Signori Grigol e término na divisa do loteamento;

IV - RUA NEREU RAMOS a Rua 8 do Jardim Independência - 2a. parte e 10 do Jardim América, com início na Avenida 1 do Jardim Independência - 2a. parte e término na Rua 7 do Jardim Independência - 1a. parte;

V - RUA DR. CARVALHO DE MENDONÇA a Rua 9 do Jardim Independência - 2a. parte, com início na Avenida 1 e término na divisa do loteamento;

VI - RUA EMBOABAS a Rua 11 do Jardim Independência - 3a. parte, com início na Rua João Passos da Silva e término na divisa do loteamento;

VII - RUA SARGENTO CARLOS ARGEMIRO CAMARGO a Rua 13 do Jardim Independência - 3a. parte, com início e término na divisa do loteamento;

VIII - RUA TENENTE ALBERTO MENDES JÚNIOR a Rua 14 do Jardim Independência - 3a. parte, com início e término na divisa do loteamento;

IX - RUA SARGENTO MARIO KOSEL FILHO a Rua 15 do Jardim Independência - 3a. parte, com início na Rua 18 e término na divisa do loteamento;

X - RUA BRIGADEIRO ANTONIO DE SAMPAIO a Rua 16 do Jardim Independência - 3a. parte, com início na Rua 15 e término na divisa do loteamento;

XI - RUA JESUS DE NAZARÉ a Rua 20 do Jardim Independência - 3a. parte, com início na Rua 18 e término na divisa do loteamento;

XII - RUA MARECHAL CORDEIRO DE FARIAS a Rua 21 do Jardim Independência - 2a. parte, com início na Rua 1 e término na Avenida 1 do mesmo loteamento;

XIII - RUA 31 DE MARÇO a Rua 22 do Jardim Independência - 3a. parte, com início na Rua 18 e término na divisa do loteamento;

XIX - AVENIDA INDEPENDÊNCIA a Avenida 1 do Jardim Independência e parte da Rua 1 do Jardim América, com início do braço direito da Avenida 1 na Avenida 2 do Jardim Independência - 2a. parte e seu braço esquerdo na Rua 1 do Jardim América e término na divisa do loteamento.

XV - AVENIDA JOSÉ JOAQUIM DA SILVA XAVIER a Avenida 2 do Jardim Independência - 2a. e 3a. parte, com início e término na Rua 1 do Jardim América.

Artigo 2o. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PAÇO MUNICIPAL, 07 de agosto de 1981

DR. JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA
Prefeito Municipal em Exercício

DRA. NEIDE CARICCHIO
Secretária dos Negócios Jurídicos

ENGO. DARCY STRAGLIOTTO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado N.o. 5801, de 20 de fevereiro de 1981, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 07 de agosto de 1981.

DR. HAMILTON DE OLIVEIRA
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito



RETIFICAÇÃO

DECRETO N.º. 6580 DE 07 DE AGOSTO DE 1981

DÁ DENOMINAÇÃO A VIAS PÚBLICAS DO DISTRITO DE BARÃO GERALDO.

NO ÍTEM XV - ONDE SE LÊ:

XV - AVENIDA JOSÉ JOAQUIM DA SILVA XAVIER

LEIA-SE:

XV - AVENIDA JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER

Campinas, 12 de agosto de 1981

DR. HAMILTON DE OLIVEIRA
Secretário - Chefe do Gabinete do Prefeito

Pesquisa e texto de Vera Taroda

Três datas, alusivas a acontecimentos de significativa importância para a História do Brasil, estarão sendo comemoradas nesta semana: os 16 anos de fundação de Brasília, a Capital Federal, o sacrifício de Tiradentes, há 184 anos — ambas amanhã — e o 476.º aniversário do descobrimento do Brasil, por uma esquadra portuguesa comandada por Pedro Álvares Cabral, depois de amanhã.

TIRADENTES

Vinte e um de abril de 1792. No largo da Lampadosa, Rio de Janeiro, cumpria-se a sentença de morte ditada pela Coroa portuguesa contra o alferes Joaquim José da Silva Xavier, mais conhecido como Tiradentes. Seu crime: sonhar com a libertação de sua Pátria do domínio de Portugal, desejar que o Brasil fosse dos brasileiros. Na tentativa de concretizar esse sonho, ele havia participado, três anos antes, de um movimento rebelde que passou à história como "Inconfidência Mineira".

Terceiro dos quatro filhos de um pequeno proprietário rural, Joaquim José da Silva Xavier nasceu em 1746, na fazenda Pombal, entre São João (hoje Tiradentes) e São João del Rei. Órfão aos 11 anos de idade, foi sucessivamente mascate, minerador e curioso de medicina e odontologia (daí a alcunha de Tiradentes). Nesta última condição, ele se dedicava a socorrer as pessoas simples da Capitania, que conhecia de ponta a ponta, graças aos tipos de atividades que exerceu. Durante algum tempo, ele pertenceu ao Regimento de Dragões de Minas Gerais, tendo chegado ao posto de alferes.

Naquela época, quem morasse no Brasil e quisesse prosseguir os estudos tinha que se deslocar até Portugal, França ou Inglaterra, pois aqui só existiam colégios dos jesuítas. Assim, vários filhos de aristocratas rumavam para a Europa a fim de se formar em escolas superiores. Ao regressarem, passaram a difundir, na então colônia, os ideais de uma nova corrente filosófica que havia surgido no velho continente, o iluminismo, que pregava basicamente a liberdade: individual, política, comercial, etc.

Foi depois de um encontro, no Rio de Janeiro, com um desses filhos de aristocratas, José Álvares Maciel (cujo pai era o capitão-mor de Vila Rica), recém-chegado da Europa, que Tiradentes começou a pensar num movimento de libertação do Brasil do domínio português. Para tanto, passou a estabelecer contatos com várias pessoas, principalmente intelectuais.

Os intelectuais planejavam a proclamação de uma Re-

pública autônoma no Brasil. Começando em Vila Rica, a luta revolucionária deveria receber a adesão de outras regiões.

Estavam nos planos dos rebeldes a criação de uma universidade, implantação de indústrias (proibida pela Coroa portuguesa), a abolição da escravidão, e um novo regime de exploração das minas, que constitua a maior riqueza da colônia e que servia de sustentáculo à economia da metrópole.

O sistema de mineração posto em prática pelos portugueses entrará em declínio nessa época. Sendo o ouro de Minas Gerais de procedência aluvional, em sua maior parte, as jazidas começaram a esgotar-se com rapidez. Ao invés de adaptar-se a essa nova situação, a administração portuguesa no Brasil decidiu estabelecer um rígido esquema de fisco, a fim de compensar a escassez do ouro.

A coroa portuguesa chegou a estipular o quinto de ouro que iria cobrar. Quando a arrecadação não chegava ao estipulado, ela cobrava a diferença de toda a população: era a derrama, ou cobrança forçada dos impostos.

Nesse contexto, a rebelião foi marcada para o dia da derrama, mas acabou fracassando por causa de uma denúncia formulada na véspera por Joaquim Silveira dos Reis. Os envolvidos foram presos. O processo se arrastou por três anos, durante os quais Tiradentes se manteve firme na decisão de assumir toda a responsabilidade pela conspiração e acabou sendo condenado à força. Pouco antes de ser executado ele diria: "Cumprir minha palavra, morro pela Liberdade".

Na bandeira idealizada pelos inconfidentes para a República que pretendiam fundar, havia a legenda "Libertas quae sera tamen", ou seja, "Liberdade ainda que tardia, sim!". De fato, a liberdade não tardou: trinta anos depois do sacrifício de Tiradentes — hoje considerado "o Patrono Cívico da Nação" — um príncipe português, dom Pedro, proclamava a Independência do Brasil.

(Recorte do jornal "Folha da Tarde", SP, de 20-04-1970)



RUA TIRADENTES

Denominação datada de 1883

Início na rua José Paulino

Término no leito da Fepasa

Vila Itapura

Guanabara

Obs.: Esta via termina cerca de 40 metros além da rua Dr. José Campos Novais.

TIRADENTES

Joaquim José da Silva Xavier nasceu em Pombal, hoje Tiradentes, em 12-novembro-1748 e faleceu em 21-abril-1792, no Rio de Janeiro. Quarto filho de Domingos José da Silva Xavier, ficou órfão aos 11 anos. Muito cedo entregou-se a diversos afazeres: foi mascate, minerador, médico prático, soldado, alcançando o posto de alferes, tropeiro, comerciante ambulante e dentista, de onde veio o cognome Tiradentes. Em suas viagens pelo interior de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro verificou a miséria em que viviam as populações, ao mesmo tempo que travava conhecimento com compatriotas que regressavam da Europa, entusiasmados com os ideais da Revolução Francesa. De volta a Vila Rica encontrou terreno para suas idéias e em reuniões com José Alves Maciel, Inácio de Alvarenga Peixoto, Francisco de Paula Freire de Andrade, Cláudio Manoel da Costa e muitos outros formaram a Conspiração Mineira, que seria levada à efeito no Dia da Derrama, isto é, no dia da cobrança dos impostos. Animados com a ajuda de seus companheiros, parte novamente para o Rio de Janeiro. Entretanto, delatados, Tiradentes e seus companheiros foram presos, sofrendo um processo que durou três anos e cuja sentença foi: os conjurados seriam deportados para a África e só Tiradentes seria enforcado pelo crime de inconfidência. A 21-abril-1792 subiu ao patíbulo e sua cabeça foi espetada num poste de Vila Rica e seu corpo esquartejado e espalhado pelas cidades vizinhas. Sua casa em Vila Rica foi arrasada e o terreno salgado.



Tiradentes



A 21 de abril de 1792 é executado no Rio de Janeiro o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, nascido em Pombal, capitania de Minas Gerais, em 1748. Filho de família humilde, ainda bem jovem fez-se mercador ambulante. Depois assentou praça num regimento de Dragões, chegando ao posto de alferes. Pretendeu lavrar uma pequena mina, mas perdeu o dinheiro e teve de contrair dívidas. Vindo ao Rio de Janeiro nessa ocasião, conheceu José Alves Maciel, que regressara da Europa imbuido de nobres idéias de liberdade. Influenciado por esses ideais, voltou a Minas, já disposto à luta pela emancipação do Brasil. Ali se reuniu, então, a Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antonio Gonzaga, Alvarenga Peixoto e outros, formando com eles o movimento inconfiante, contra o domínio português. Descoberta a trama, foram todos presos, sendo Tiradentes condenado ao patíbulo. Ao subir à forca, acompanhado de dois padres e uma guarda de cem soldados, pronunciou as seguintes palavras: "Cumprir a minha palavra: morro pela liberdade". O corpo do herói foi esquartejado, a cabeça pregada num poste e os pedaços espalhados pelos caminhos de Minas Gerais, "para terrível escarmento dos porcos".

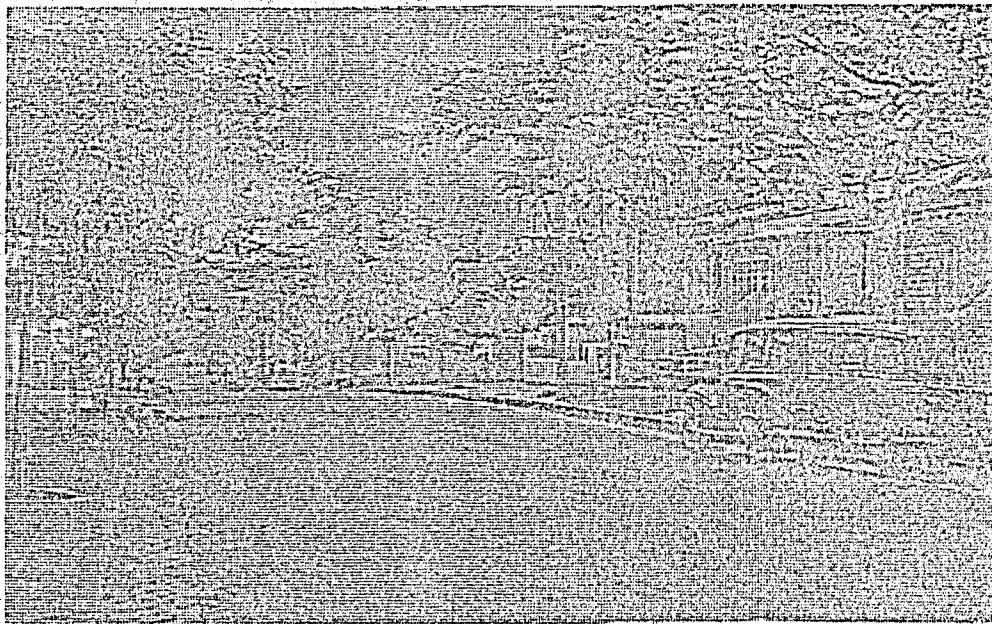


CORREIO POPULAR

Terça-feira, 22 de abril de 1975

Rua com nome expressivo: Tiradentes

A rua Tiradentes fica situada num dos mais bonitos e valorizados bairros da cidade: o Cambuí. Ela se caracteriza pela beleza de suas residências, pelo seu arvoredo e pelo seu ar tipicamente burguez sem atropelamentos e sem poluição. A denominação é bem antiga e foi dada pela Câmara quando a rua era batida de terra, com poucas casas. Com essa iniciativa, que teve o apoio unânime dos vereadores, a cidade prestou uma homenagem significativa ao vulto insigne da nossa história, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, o bravo herói da Inconfidência mineira, movimento que surgiu na antiga Vila Rica (hoje Ouro Preto) e que marcou um dos episódios marcantes da nossa história, na luta heróica do nosso povo em favor da independência de nossa Pátria, que só veio acontecer em 7 de setembro de 1822, proclamada por



D. Pedro I, neto da Rainha d. Maria, de Portugal, que assinou a sentença de morte contra Tiradentes, o

único dos inconfidentes a morrer na forca, por ter, com desassombro, coragem, estoicismo e bravura, assumido para si, a maior responsabilidade do movimento.

Ontem, dia 21 de abril, o Brasil inteiro reverenciou a memória de Tiradentes, lembrando o dia de sua execução na praça hoje denominada Tiradentes, no Rio de Janeiro. Seus algozes caíram no esquecimento e desapareceram na voragem do tempo. O nome de Tiradentes permaneceu e permanecerá para sempre, como um símbolo de liberdade e de amor à Pátria. O amor verdadeiro, sem bravatas, sem "patriotadas", sem vaidades pessoais, mas o amor inspirado pelos mais nobres e elevados sentimentos patrióticos e de amor ao povo.

Rua Tiradentes, bonito nome para uma rua, conve-

nhamos, assim como rua Siqueira Campos, que relembra um dos grandes vultos do agitado período de 22-24, quando deu provas extraordinárias de amor ao Brasil, morrendo tragicamente num desastre de aviação, quando retornava à Pátria para dar continuidade às suas lutas, objetivando um Brasil maior, autenticamente democrático, livre da oligarquia política que o infelicitava naquele tempo.

Mas além de Tiradentes e Siqueira Campos, Campinas tem sabido homenagear os grandes nomes da história do País. Lamentavelmente algumas ruas foram "batizadas" com nomes inexpressivos, por injunções políticas e vaidades de famílias. Mas isso não tem importância. Esses nomes pouco são lembrados. É a Justiça pela voz da história que prevalece.

B. P. Prof

Camp

Documentário



CORREIO POPULAR
Sexta-feira, 3 de junho de 1977

Tiradentes e a Inconfidência na nomenclatura de ruas

Odilon Nogueira de MATOS

Nos muitos e muitos anos em que tenho estudado, aqui e alhures, o problema da nomenclatura das vias públicas, sempre procurei deixar bem claro, falando ou escrevendo, o quanto o assunto, ao lado de seu aspecto utilitário, reveste-se igualmente de interesse cultural, especialmente quando os nomes atribuídos evocam personagens, episódios ou simples circunstâncias ocasionais alusivas à história pátria.

Há algum tempo, neste mesmo local, tratei da Guerra do Paraguai e da Abolição na nomenclatura de ruas, lembrando exemplos de nossa própria cidade. O transcurso, há pouco da data, em que se comemora o suplicio da magna figura da Inconfidência Mineira, fez-me meditar de novo sobre o assunto e tecer algumas considerações sobre o reflexo, nas placas de ruas, do importante movimento do século XVIII, precursor de nossa independência. Ocorre, de início, uma circunstância curiosa: no consenso popular, a Inconfidência resume-se no Tiradentes, tanto que a data escolhida para celebrar o movimento é a do próprio suplicio do martir. Na acentuada visualização romântica que caracterizou a historiografia do século passado e mesmo a do começo do atual, exaltou-se a figura de Tiradentes, especialmente após a proclamação da República, tornando-o talvez a personagem mais popular de nossa história. A aura do martírio (notadamente por ter sido o único a sofrer a pena capital) associada àquela visualização romântica a que me referi e que se nota no próprio retrato supositivo dele divulgado, com barba nazarena e feição messiânica, tudo isso levou a uma transferência do coletivo para o individual, cabendo ao simpático alferes toda a glória e responsabilidade do movimento mineiro, como se ninguém mais houvesse na frustrada conspiração.

Quantas cidades no Brasil terão uma rua "da Inconfidência", ou "dos Inconfidentes", como têm uma rua ou praça "da República", da "Independência", "da Abolição" ou "dos Bandeirantes"? Nestes grandes movimentos, o sentido de coletividade prevaleceu, enquanto que a Inconfidência está resumida no Tiradentes, cujo nome batiza rua em quase todas as cidades do país. Por outro lado, quais as cidades que ostentam, em suas vias públicas, os nomes de Tomás Antonio Gonzaga, Claudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga, do Cônego Luis Vieira da Silva e de tantos outros

episódios do movimento? Talvez nenhuma, fora Ouro Preto e Belo Horizonte. A todos esses nomes fez ofuscar José Joaquim da Silva Xavier. E a própria data que o comemora — o 21 de abril — muito raramente aparece na nomenclatura urbana.

Quanto ao nome "Inconfidência" só conheci um caso, na cidade de Bauri, que o atribuiu a uma de suas ruas mais importantes. Mas bastou que falecesse um cidadão ilustre da cidade, advogado de renome, para que a Prefeitura querendo homenageá-lo, desse o nome do "distinto" (como diria meu prezado amigo Plaut) à mesma rua da Inconfidência, apagando, assim, com uma penada, a homenagem inicialmente tributada coletivamente aos heróis mineiros do século XVIII. É certo que São Paulo possui uma pequena "Praça dos Inconfidentes", mas, de tão minúscula, pouca gente a conhece. E no entanto é localidade importante, pois dela partem três artérias principais — as ruas Paústolo e Gualcurus e a Avenida Santa Marina — que conduzem, respectivamente, à Lapa e à Freguesia do O.

A propósito da data 21 de abril, convém lembrar que chegou a ser suprimida como feriado nacional, logo após a Revolução de 1930, quando o governo provisório que então se implantou no país, julgando que no Brasil havia feriados em demasia (e havia mesmo), eliminou a metade deles. Assim, deixaram de ser feriados os dias 24 de fevereiro, 21 de abril, 3 e 13 de maio, 14 de julho e 12 de outubro. Os mineiros, que não passam sem o Tiradentes, não se conformaram. Pleitearam e conseguiram a volta do 21 de abril, que deixou de ser comemorado creio que por dois ou três anos apenas. Residiu na ocasião em uma importante cidade mineira e tive oportunidade de, estudante ainda, botar meu gatafunho num abaixo-assinado enviado ao Chefe do Governo Provisório, pedindo a volta do Tiradentes ao calendário cívico da nação. O mesmo pretenderam, pela mesma época, as associações de homens de cor com relação ao 13 de maio (também subscrevi memorial nesse sentido), mas, menos prestigiosas que os mineiros, até hoje nada conseguiram. Houve, no caso do Tiradentes, importante conexão política, que não se pode esquecer. O governo provisório de Getúlio Vargas, que já se havia incompatibilizado com São Paulo e com o Rio Grande do Sul e estava na iminência de incompatibilizar-se com Minas Gerais, pôs todo o empenho em captar a simpatia dos mineiros. E podem crer os leitores que a revogação do decreto que banhiu o 21 de abril dos nossos feriados, muito contribuiu para o seu intento. E o que me dizia, há coisa de quarenta anos, um excelente amigo de Juiz de Fora: "Quer viver bem com os mineiros? Não mexam com o Tiradentes..."

Campinas não o esqueceu. Uma importante rua do Guanabara o recorda. E são raríssimas as cidades do país que o não tenham homenageado em suas vias públicas.

Edm



21 de Abril

Aniversário da morte de Tiradentes

O calendário escolar marca "21 de abril — Tiradentes, e a Inconfidência Mineira" — e os professores, dignos do nome, sentem que é chegado o momento, sempre renovado, de focalizar mais uma vez a vida, os trabalhos e a morte heróica do herói de nossa liberdade, do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes. Os educadores costumam rever então os precedentes históricos, contando aos alunos como foi o Ciclo de Ouro, e seu declínio, e relatar o que aconteceu quando as lavras, que até então eram a principal fonte de renda da economia portuguesa, sustentando todo o luxo da Corte em Lisboa — produziam cada vez menos.

A escalada extorsiva dos impostos, o contraste entre a pobreza dos que trabalhavam nas minas e a opulência da Corte, os fundos sofrimentos do povo conduziram à insatisfação geral, e daí à organização de um movimento de libertação: a Inconfidência. Mas, os mestres costumam também apontar a outra motivação, de ordem ideológica, lembrando que o século XVIII foi um tempo de profunda agitação política e filosófica na Europa e nos Estados Unidos, onde estudavam muitos brasileiros.

Mas Tiradentes foi a figura central da Inconfidência, o idealista que sonhava com uma pátria livre. Ao contrário do que muitos pensam, possuía certa cultura, variados conhecimentos sobre a natureza dos solos, sendo por isso enviado com frequência em expedições, de reconhecimento ao sertão, e era Alferes do Regimento de Dragões de Vila Rica. Hábil organizador, conseguiu reunir um núcleo de elementos de proficiência da Capitania: os futuros conjurados, e colaborou na planificação do levante, que foi preparado de setembro de 1788 a março de 1789.

Não vamos replisar os pormenores de todos conhecidos: a tração do rico fazendeiro e minerador Joaquim Silvério dos Reis, que denunciou os inconfidentes em troca do perdão de suas dívidas particulares; as denúncias; as circunstâncias das prisões dos companheiros, para nos concentrarmos na figura do herói, que aceitou a culpa que lhe atribuíam e mais as dos outros, segundo consta nos Autos da Devassa.

Foram três anos completos de inquéritos, devassa e prisão. Na primeira sentença, onze deles foram condenados à morte; mas, depois esta sentença foi comutada em prisão, de grado na África e confisco de bens, e apenas confirmada a pena de morte a Tiradentes.

Faz hoje, precisamente 187 anos de seu martírio. O vice-rei cercou de pompa extraordinária a execução deste legítimo herói, determinando três dias de festas solenes, que lembrassem a importância do fato. O preso passou os dias que precederam o 21 de abril em um oratório da Cadeia Velha. E em 21 de abril de 1792 foi executado em praça pública, em uma grande forca, cujos pedaços podem hoje ainda ser vistos no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, a antiga Vila Rica.

Trinta anos depois o Brasil conquistava sua independência. E, por ironia da História, o responsável por este ato foi D. Pedro I, neto de Dona Maria I, sob cujo reinado aconteceram os episódios da Inconfidência Mineira. Exatamente cem anos depois da tentativa de rebelião, em 1889, era proclamada a República, realizando-se assim em um século os ideais da Inconfidência. No reinado de D. Pedro II já os inconfidentes estavam reabilitados.

Na História Pátria poucos episódios são mais trágicos, mais repletos de lances de coragem e de herismo, como também de tração e de covardia dos delatores, do que este. A Inconfidência encerra episódios emocionantes e figuras marcadas pela tragédia, como a dos poetas Cláudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto, Gonzaga, Bárbara Hellodora, e de Marília. O próprio palco dos acontecimentos, o ambiente romântico de Vila Rica, os costumes da época, a majestade dos casarões, o brilho das jóias e dos espadins, tudo isso, contribuiu para cercar de um halo de interesse o episódio histórico.

Para a meditação dos estudiosos, recomendamos sobre o assunto as obras: "Tiradentes, A Aspera Estrada para a Liberdade", de Luiz W. Torres; "História da Conjuração Mineira", de J. Norberto de Sousa Silva, e "O Romancero da Inconfidência", de Cecília Meireles, além de, naturalmente, os compêndios de História Pátria.

COLEÇÃO POPULAR DE 2710479



TINERÁRIO DO BRASIL

UM MÁRTIR DA INDEPENDÊNCIA

EDUARDO TOURINHO

QUANDO a 11 de julho de 1788 tomou posse — em Vila Rica — do governo da capitania de Minas Gerais, o capitão-general Luís Antônio Furtado de Mendonça, então Visconde de Barbacena, eram os habitantes devedores à Real Fazenda da avultada soma de quinhentas e trinta e oito arrobas de ouro proveniente do rendimento do quinto em atraso. As INSTRUÇÕES trazidas pelo novo governador, definiam a maneira de proceder à cobrança da derrama.

Muitos pensaram em abandonar as minas... Uma ameaça revolucionária pairava no ar... De volta do Rio de Janeiro à Vila Rica, o alferes Joaquim José da Silva Xavier procurava fazer prosélitos por onde passava. A sua loquacidade perdeu-o... Mas a verdade é que a chamada INCONFIDÊNCIA MINEIRA pareceu, por largo tempo, um alarde de serviços do governo colonial à Metrópole. Ocorreu numa época em que era vedada a publicidade de questões de tal ordem. Pouco soube o povo dos sofrimentos dos réus de Vila Rica trazidos para o Rio. Ribeyrolles escreveu que se conhecia, apenas, a versão dos juizes.

Foi Southey quem — na HISTÓRIA — teve a primazia de publicar detalhes da conjuração de 1789. Coube ao conselheiro José de Rezende Costa traduzir o publicado, que a revista do Instituto Histórico estampou em 1846.

Após acuciosas e demoradas pesquisas, pôde o benemerito Joaquim Norberto de Souza Silva traçar a melhor HISTÓRIA DA CONJURAÇÃO MINEIRA. Ao Instituto, leu a primeira parte desse excelente trabalho pelos fins de 1860. Mas, publicada a obra, revelaram-se pequeninos e acanhados o perfil do TIRADENTES e seu papel na trama revolucionária. O verídico retrato e a definida ação daquele que a ignorância de cronistas e historiadores transformara em epígono do movimento, despertaram apaixonadas e injustas reações. Foi então que Silvio Romero — entrando em campo — lucidamente escreveu: — ... «O livro de Norberto, bem longe de reacionário é um livro animado de fortíssimo espírito liberal e alentados aspectos democráticos.»

Mas, de qualquer forma, o TIRADENTES tornou-se um símbolo: injusta e cruelmente levado à força, sintetiza os mártires da luta pela independência política do Brasil. Foram muitos e entre esses muitos estão os que participaram da chamada CONSPIRAÇÃO REPUBLICANA DA BAHIA, em 1798 e os da revolução pernambucana de 1817. Foram mais dura e terrivelmente reprimidas do que a chamada INCONFIDÊNCIA MINEIRA.

Executado a 21 de abril de 1792, o alferes Joaquim José da Silva Xavier — o TIRADEN-

TES — integrou-se perpétuamente na história pátria.

Na certidão assinada pelo desembargador Francisco Luís Álvares da Rocha — dos Agravos da Relação desta cidade e escrivão da comissão que inquiriu os Inconfidentes — está dito que o réu «foi levado ao lugar da força levantada no Campo de S. Domingos e nela padeceu morte natural, e lhe foi cortada a cabeça e o corpo dividido em quatro partes.»

Representou o suplício a última consequência da denúncia apresentada por Joaquim Silvério dos Reis ao governador das Minas Gerais no dia 15 de março de 1789. Onze implicados no movimento foram deparados para a África. Do



A ESTATUA de Tiradentes ergue-se, imponente, diante do edifício da Câmara dos Deputados, na capital da República. Homenagem respeitosa ao Precursor de Nossa Independência.

Rio partiram a 23 de maio de 1792. A nau Nossa Senhora da Conceição levou Gonzaga a Moçambique. De nada lhe valeram as alegações de que nascera em Portugal — onde tinha pai magistrado — e as belas líricas à Marília. Para Angola — na Princesa do Brasil — seguiram o poeta Alvarenga Peixoto e o dr. Álvares Maciel. Para Cabo Verde — em degrêdo por dez anos — foi-se o conselheiro José de Rezende Costa. Em 1841 veio, porém, a representar Minas na Constituinte. O poeta Cláudio Manoel da Costa encerrou seus dias na cadeia de Vila Rica, a Ouro Preto dos dias presentes. Suicídio? Assassínio? Biparte-se a opinião dos perquiridores da história brasileira.

Que era o Campo de S. Domingos no momento da execução do TIRADENTES? Na primeira metade do século XVIII dava-se esse nome ou o de Campo do Rosário à área de brejos e charcos estendida do término da atual Rua da Uruguaiana aos começos da chamada Cidade Nova. De 1769 em diante, conhecia-se como Campo de S. Domingos o espaço vago entre a Rua da Allândega e o sopé dos morros da Conceição e do Livramento.

Mas — para muitos — fôra a força erguida no quadrado então formado pelos atuais ruas da Constituição e Visconde do Rio Branco — de um lado — e a Regente Feijó e a do Núncio do outro. Essa área, porém, era chamada Campo da Lampadosa. Em 1792, um e outro campo estavam separados pelos quarteirões habitados entre as ruas da Allândega e Constituição. Essa, terminava no antigo Largo do Rócio, depois Praça da Constituição, Praça Tiradentes, Praça da Independência para, finalmente, voltar de novo a chamar-se Praça Tiradentes.

Num minucioso trabalho, Miguel Lemes indica o ponto certo do cadafalso: entre as ruas da Constituição e Visconde do Rio Branco, em local na época ocupado por certa empresa funerária. Vieira Fazenda, entretanto, era de outro aviso: nas ANTIQUALHAS E MEMÓRIAS DO RIO DE JANEIRO, aponta o Campo da Polé — que era perto da igreja da Lampadosa e por trás do Teatro JOÃO CAETANO.

Na certidão do escrivão da alçada está dito: o «lugar da força no campo de São Domingos». Eram onze horas do dia 21 de abril de 1792 quando — em longo préstito — chegou TIRADENTES ao local da execução, sob a guarda de três regimentos. Subiu, lesto, ao patíbulo, olhos no crucifixo, sem qualquer mingua de coragem. Por duas vezes pediu que se apressasse o suplício. Nem isso obteve. O guardião do Convento de Santo Antônio — frei José de Jesus Maria do Desterro — fez uma prática e rezou, vagaroso, o credo dos Apóstolos que o TIRADENTES, voz apagada, repetiu. Depois, o algoz impeliu a vítima... Era o «complemento do assassinato judiciário»...

A cabeça do mártir foi levada para Vila Rica e «os quartos» espalhados pelos caminhos. A certidão do ato foi escrita com o sangue ainda quente de TIRADENTES. A casa que habitava foi demolida. O chão foi coberto de sal. O «padrão de infâmia» levantou-se no lugar. Mas constitucionalizado o Brasil, o governo provisório — em Ouro Preto — fez tombar o «padrão de infâmia» e, no lugar, ergueu um edifício.

Símbolo dos mártires da Independência do Brasil, vive o TIRADENTES no coração e na memória do povo brasileiro.



PERFIL, DATAS E FATOS

Tiradentes

Dircila Schereck Araújo

Dentre muitos brasileiros, almas nobres e patriotas até o estoicismo, destaca-se por sua grandiosidade de sentimentos, Joaquim José da Silva Xavier "Tiradentes".

Para que compreendamos sem martírio, volvamos por alguns segundos os olhos para o passado, lá pelos idos de 1792. Nos bancos escolares, almas inocentes, ouvem e, creio que não alcançam tão grandioso feito no seu âmago, mas recebem aquela luz, aquela vibração de heroísmo e, caminham cheios de alegria, por saber que existiram outrora homens valorosos, que, mesmo sabendo da morte que os esperava, não retrocederam e caminharam cabeça erguida de encontro a uma realidade que se chamava e se chama Liberdade!

Joaquim José da Silva Xavier nasceu em Pombal, hoje Tiradentes, em 1748. Era filho de Domingos José da Silva Xavier o qual exercia as funções de vereador do Senado e da Câmara.

Tiradentes não era de família pobre. Seus pais possuíam terras e barras de ouro; pertencia à nobreza mineira que era a classe dirigente da terra. Foi ourives, mascate, comprador de ouro e dentista. Conseguiu entrar diretamente no posto de alferes do seu regimento de cavalaria, pago pela corôa portuguesa. Dona Maria I, rainha de Portugal, nomeou-o comandante da patrulha do caminho nôvo aberto entre Ouro Preto e Belo Horizonte.

Tinha êle o dom da oratória, embora tivesse recebido instrução muito sumária.

Nas suas viagens pelo interior constatava a miséria em que viviam as populações e isto foi uma das causas que lhe serviu mais tarde para a propagação de seu ideal.

Em 1788, com licença do governador da Capitania, vai ao Rio de Janeiro para tratar com o vice-rei de propostas relativas a melhoramentos para a cidade de Vila Rica.

Enquanto aguardava o despacho de seus papéis por parte do vice-rei, foi travando conhecimento com inúmeros compatriotas que regressavam da Europa, cheios de entusiasmo com os ideais da Revolução Francesa.

Entre eles achava-se o dr. José Alves Maciel, formado em Ciências Naturais pela Universidade de Coimbra, fervoroso orador e que se preparava para incutir no povo mineiro as idéias republicanas.

Voltando Tiradentes a Vila Rica teve ocasião de fazer muita propaganda sobre os planos que idealizava; uniu-se aos companheiros em Vila Rica e daí em diante formou-se a Conspiração Mineira.

Dentro os conspirados destacavam-se homens de valor como: Francisco de Paula Freire de Andrade (chefe da Fôrça Pública), dr. Alves Maciel, dr. Inácio Alvarenga Peixoto, Padre Carlos Correia de Toledo, Cláudio Manoel da Costa e muitos outros.

A conspiração devia estourar no dia da Derrama, isto é, no dia da cobrança dos impostos.

Tiradentes, animado com a ajuda dos seus companheiros, parte de nôvo para o Rio, apenas acompanhado por um escravo.

Em março de 1789 comparecia ao Palácio da Cachoeira do Campo, residência do Visconde de Barbacena, governador da Capitania, Joaquim Silvério dos Reis um dos primeiros delatores. A seguir, outros se apresentavam: coronel Basílio de Brito e o mestre de Campo, Inácio Correia. A denúncia foi exigida por escrito.

A derrama foi suspensa com o fim de retardar o levante.

Tiradentes, logo que chegou ao Rio, percebeu que estava sendo vigiado e desesperado via correr o tempo sem nenhum sinal do levante em Minas.

Procurou esconder-se, pensando encontrar um meio de conseguir chegar a Vila Rica. Foi descoberto pelo próprio delator Joaquim Silvério dos Reis e entregue ao vice-rei, Dom Luis de Vasconcelos.

O processo durou 3 anos e finalmente foi elaborada a sentença: os conjurados deveriam ser deportados para a Africa e só Tiradentes seria enforcado pelo crime da Inconfidência.

A 21 de abril de 1792 sobe êle ao patíbulo.

Caminhou sereno, com passos firmes, certo de que, sua vida serviria para abrir novos caminhos diante de um mundo íngreme, onde viceja o ódio e transborda a hipocrisia.

Seu martírio não foi em vão.

A semente plantada naquela época brotou e, foi tão grande o ideal forjado que, trinta anos depois coroou-se de glórias aquela esperança.

Tiradentes foi enforcado, sua cabeça espetada num poste de Vila Rica e o seu corpo esquartejado e espalhado pelas cidades vizinhas.

Seu exemplo dignificante perdura até hoje e irá atravessar anos e anos, numa demonstração de fé, esperança e idealismo que embora tarde redundou em LIBERDADE!